

Produto Educacional da Pesquisa de Mestrado



VINÍCIUS MACEDO PÊGAS

**A “princesa de Iguassú” em sala de aula: o uso de memórias de
Nilópolis como elemento mobilizador dos alunos nas aulas de
História da 3^a série do Ensino Médio**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dezembro/2021

Sumário

Introdução	4
1) Contexto das aulas	5
2) As aulas	7
3) Aplicação prática	8
3.1) Primeira aula	9
3.1.1) Postagem no Google Classroom referente à primeira aula	23
3.1.2) Algumas considerações sobre a aula.....	24
3.2) Segunda aula	25
3.2.1) Postagem no Google Classroom referente à segunda aula	43
3.2.2) Algumas considerações sobre a aula.....	45
3.3) Terceira aula.....	46
3.3.1) Algumas considerações sobre a aula.....	65

Prezado professor(a)

Este guia tem por objetivo apresentar uma possível abordagem para discutir em sala de aula questões concernentes à memória e História.

Ele reúne relatos da minha experiência docente ao discutir as relações entre ambos (embora enfoque as memórias do município de Nilópolis) com alunos da 3^a série do Ensino Médio de um colégio Estadual em Nilópolis. Nele, eu apresentarei todo o processo que deu origem a escrita desse guia.

Introdução

Esse guia foi escrito com o caráter de ser um produto educacional, trabalho necessário para a obtenção do título de mestre em Ensino de História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nele eu ofereço subsídios para que professores da 3^a série do Ensino Médio da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC) discutam com seus alunos o conceito de memória a partir de exemplo mais próximos da sua realidade.

Embora eu o tenha desenvolvido com alunos da referida série no âmbito dessa rede de ensino, nada o impede de ser utilizado em outras séries por outras redes.

Para melhor situá-lo em sua leitura, vale ressaltar que nasci e sou morador da cidade do Rio de Janeiro. Minha aproximação com o município de Nilópolis se deu por ser meu local de trabalho, apenas isso. A partir desse contato inicialmente por causa dos colégios que trabalhei em Nilópolis, desenvolvi também um interesse intelectual pelo município.

Esse guia tem como fundamentação teórica a dissertação escrita por mim, que fornece outros exemplos de assuntos que podem ser usadas relacionando-as com a matéria da 3^a série do Ensino Médio.

1) Contexto das aulas

As aulas que deram origem a esse guia foram todas ministradas durante o ano de 2020, de forma remota, como medida de segurança para diminuir os casos de COVID-19 no estado do Rio de Janeiro, uma prática comum na pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2).

Para o ensino remoto emergencial, a SEEDUC assinou o pacote G Suite do Google (conjunto de ferramentas *on line* da empresa). O principal recurso desse pacote foi o Google Classroom.

Nesse ambiente virtual, os professores de uma mesma turma poderiam interagir entre si ou com os alunos, ou mesmo os alunos entre eles. Nele os professores poderiam postar textos, vídeos ou áudios referentes ao conteúdo relacionado. Essas postagens eram consideradas aulas ministradas e, consequentemente, dias de trabalho para o professor. No meu caso, por trabalhar dois dias no colégio até o início da quarentena (dia 13/03/2020) eu reservava um dia para ministrar aula ao vivo (*live*) pelo Google Meet (outro recurso oferecido pelo pacote G Suite) e no outro dia eu postava um texto de alguns parágrafos, da minha autoria. Além de uma terceira postagem na véspera de cada aula ao vivo para mantê-los ativos na minha disciplina e lembrá-los da aula, do seu horário e do código da sala.

Dessa forma, minha atividade semanal no *Google Classroom* ficou assim:

- 4^a feira- chamada para as aulas ao vivo, antecipando algumas vezes o assunto dela e construindo as problematizações relativas a ela.
- 5^a feira- aula ao vivo
- 6^a feira- postagem resumindo alguns pontos vistos na aula daquela semana. Eventualmente eu deixava questões discursivas para os alunos resolverem.

Esse período de aulas criou dois problemas para os alunos, um de natureza emocional e outro de natureza material.

Por conta das mortes de conhecidos seus provocadas pela COVID-19 e o isolamento social recomendado pelas autoridades de saúde os alunos estavam mais fragilizados emocionalmente.

Do ponto de vista material, para assistir as aulas ao vivo, o aluno deveria ter computador ou celular com internet *wi-fi* e ter esses recursos disponíveis no horário da aula. Alguns alunos têm irmãos também assistindo aula remota ou responsável trabalhando em *home office* no horário das suas aulas. Além disso, aconteceram casos também de alunos que usaram o tempo que estariam presencialmente no colégio para trabalhar.

Por esses dois motivos eu comuniquei nas postagens do Google Classroom que não reprovaria por frequência ou média nenhum aluno. Assim, só assistiram as minhas aulas alunos que desejavam isso ou que tivessem algum receio que eu voltasse atrás na minha decisão.

Uma prática que enriqueceria bastante esse tipo de trabalho seria uma aula de campo em Nilópolis, mas por conta dos imperativos da pandemia isso não se realizou.

2) As aulas

A aulas ministradas por mim aconteciam de forma expositiva dialógica com duração em torno de 1:40h para alunos de 6 turmas de 3^a série. Muitos desses alunos foram meus também na 1^a série, já estavam acostumados com a minha ideia de aula. No ensino presencial, eu escrevo os tópicos da matéria no quadro e os explico, pedindo para que façam anotações. Nas aulas remotas eu postava um arquivo com os tópicos dos conteúdos bimestrais para que eles lessem antes e copiassem no caderno, caso desejassem.

A interação deles na aula foi constante ao longo do ano. Os alunos que participavam eram os mesmos em todas elas. Todos permaneciam com a câmera desligada ao longo da aula e para responder o que eu perguntava em aula, respondiam mais pelo chat do que ligando o microfone para falar.

A evasão foi um problema já esperado ao longo das aulas. A média de alunos foi de 19 alunos. A quantidade mínima de alunos presentes em uma aula foi de 12 e a máxima de 39, quando a direção do colégio pressionou os alunos para que eles participassem de forma mais ativa no Google Classroom em todas as disciplinas, sob pena de ficarem reprovados.

Nesse sentido estabeleceu-se um ponto de tensão entre as orientações da direção do colégio e o que eu considerei como o certo a fazer. Insistir que os alunos assistissem as aulas corroboraria inclusive para uma possível banalização daquele período de excepcionalidade imposto pela pandemia. O meu objetivo era também que eles percebessem que o momento da pandemia era tão singular que a reprovação era o menos importante em um cenário mais abrangente.

Apesar dessa divergência na forma de conduzir as aulas isso não interferiu na aplicação do produto. Houve somente um número de alunos maior que a média nas últimas aulas quando comparado com as aulas do decorrer do ano letivo.

3) Aplicação prática

As aulas específicas sobre esse guia aconteceram em 3 encontros. No primeiro deles eu apresentei de forma panorâmica as características e diferenças entre História e memória, bem como os conceitos correlatos à Memória.

Na segunda aula, iniciei alguns exercícios com eles que se estenderam durante todo o segundo encontro. Eu apresentei para os alunos trechos de narrativas historiográficas e memorialísticas e pedi para que eles dissessem oralmente qual era o quê.

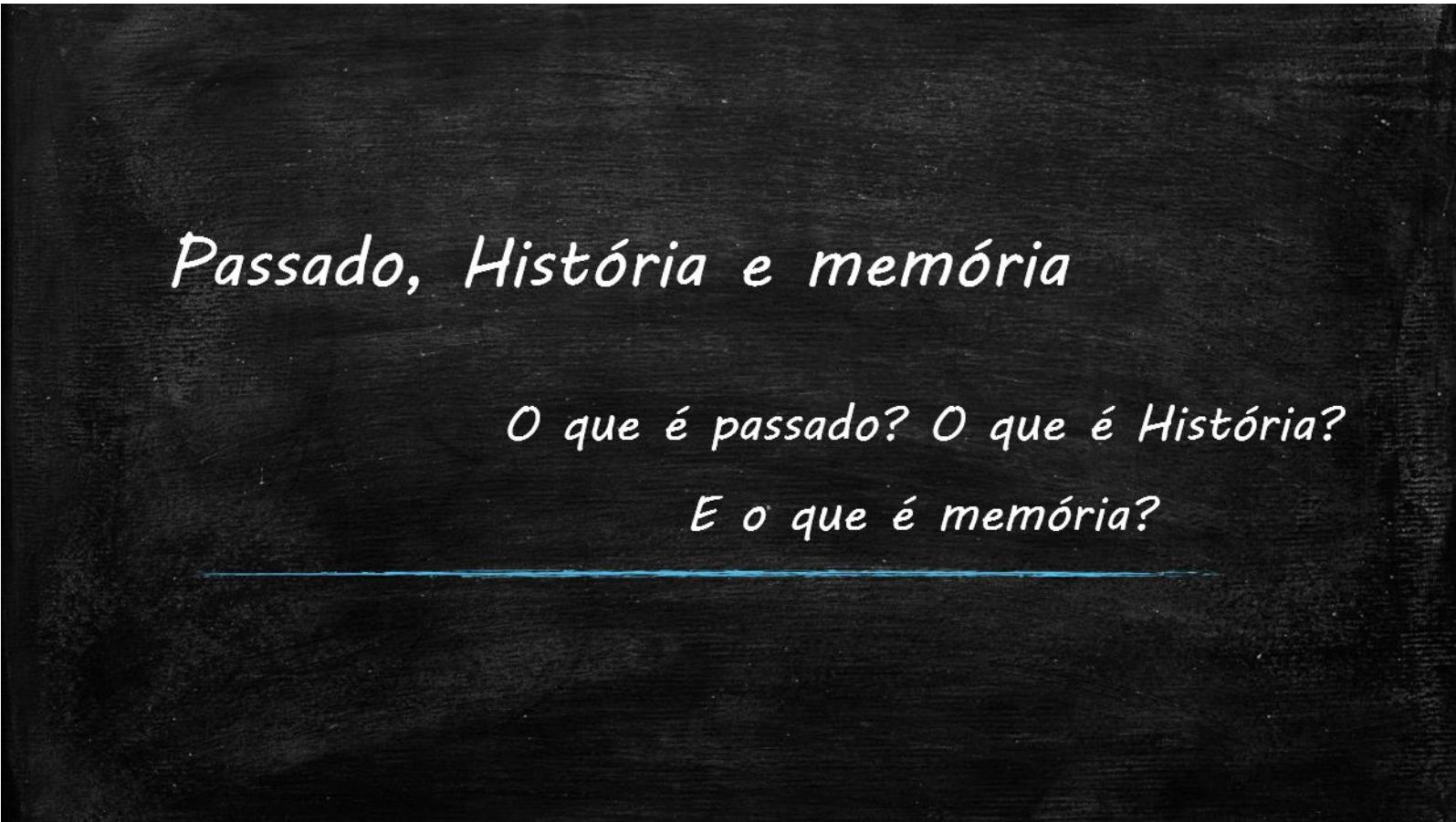
E por fim, na terceira aula, eu continuei resolvendo os exercícios e expliquei para eles, com base no conceito de memória a controvérsia em torno de como ocorreu a ditadura militar brasileira. Eu optei por resolver os exercícios no horário da aula porque, para casa, os alunos poderiam não fazer.

Abaixo, eu anexei as mensagens das postagens que escrevi para os alunos depois da primeira e segunda aula, e os slides que utilizei em cada um dos três encontros. Caso você deseje fazer o *download* das apresentações no formato PDF ou apresentação de *PowerPoint*, basta fazer a leitura do QR Code com a câmera do seu celular ou clicar no *link* abaixo.



https://drive.google.com/folderview?id=1eqUzEzCdnPFkVhrRxNBAJM53P_Ein3E0

3.1) Primeira aula



1) Passado

- São todos os acontecimentos pretéritos
- Para acessarmos esse passado, o fazemos através de 2 formas:
 - pela História
 - ou pela memória
- Isso depende do narrador ou dos interesses em jogo

2) Passado-presente

- Os acontecimentos passados que não ficam no passado. Elementos e estruturas do passado que se fazem presente através de outros atores sociais.

2) Memória

- São as narrativas sobre o passado feita pelas pessoas em geral (vocês, sua família, seus vizinhos, os moradores do seu bairro...)
- E o que é uma narrativa? São os discursos que as pessoas criam sobre o passado, ou pra ficar mais simples, que as pessoas contam sobre o passado
- Exemplo de narrativas de memória:
 - “histórias” de família
 - “histórias” de uma instituição (do Aydano, de um clube de futebol, da escola de samba Beija-Flor)
 - “história” de uma cidade

2.1) Características mais gerais da memória

- Pode ser edificante, enaltecendo aquilo que conta (conta um passado glorioso)
- Pode ter um grande teor afetivo
- Geralmente é tendenciosa
 - Seleciona elementos do passado que são convenientes serem lembrados
 - Suprime (exclui) aquilo que não deve ser contado
 - Exemplo dos perfis de redes sociais
- É feita “sob encomenda” de um grupo ou pessoa com um determinado propósito
- Pode ser individual (nesse caso chamamos de lembrança. É a memória vivida pela pessoa)
- Pode ser coletiva

3) História

- *São as narrativas científicas sobre o passado*
- *Exemplo de narrativas de história:*
 - *histórias de família*
 - *histórias de uma instituição (do Aydano, de um clube de futebol, da escola de samba Beija-Flor)*
 - *história de uma cidade*

3.1) Quais pessoas podem criar essas narrativas científicas sobre o passado?

- Historiadores
- Professores de história
- Ou ainda por:
 - Sociólogos
 - Filósofos
 - Cientistas políticos
 - ~~jornalistas~~ (esses não!)
- Eventualmente as pessoas fazem usos trocados dessas 3 palavras:
 - Passado
 - Memória
 - História

3.2) O que torna a História uma narrativa científica, diferenciando-a da memória?

- Uma narrativa pra ser História (com "H" maiúsculo!), ela utiliza métodos rigorosos, adota critérios. Ou seja, tem rigor acadêmico
- História não é tendenciosa (apesar de ser feita de escolhas)
- Os métodos da História são:
 - Coleta de fontes históricas (documentos de época)
 - Relativização dessas fontes (ou seja, nem sempre tomá-las como verdadeira)
 - Construção de hipóteses

- Utilização de teorias de pesquisadores sobre o assunto
- Aprovação de um estudo por pesquisadores da mesma área

3.3) Se a História é uma ciência, isso significa dizer que as afirmações produzidas por ela são verdades absolutas?

- Não. Porque nenhuma ciência postula verdades absolutas!

3.3.4) Então, se História é uma ciência e a ciência não cria essas verdades absolutas, qual é a vantagem da ciência sobre afirmações que não são ciência?

- Reduzir as chances de erro e ter uma narrativa mais fidedigna ao passado, embora esse passado nunca possa ser acessado na sua totalidade*
- História passa por renovações e possui correntes explicativas diferentes para pensar sobre o mesmo assunto*
- Argumentos baseados em memórias são facilmente desconstruídos, pois não seguem os mesmos critérios da História*



4) Alguns conceitos relacionados à memória

- *Enquadramento*

- *São as justificativas criadas pra construção de uma memória*

Ex: construção do mito de Tiradentes

- *Memória por tabela*

- *É preciso ter vivido pra lembrar?*

4.1) Lugar de memória

- *Lugar aqui não é sinônimo de espaço*

- *São referências que se criam para se fazer lembrar um fato ou uma pessoa*

- *Datas*

21/08- Emancipação de Nilópolis

08/12- dia de Nossa Senhora da Conceição (padroeira de Nilópolis)

- *Monumentos*

- *Busto do Paulo de Frontin na Praça do Chafariz*

Existe uma disputa do passado pelas pessoas, governos, instituições e agentes sociais?

Os lugares de memória precisam ser reletivizados

- *Busto do Paulo de Frontin x trabalhadores escravos + imigrantes nordestinos*
- *Igreja católica tombada x terreiro de candomblé*
- *Instituição Beija Flor x memória dos seus gestores associados ao jogo do bicho*



Captura de tela feita a partir do vídeo “Documentário: Igreja Histórica São Mateus, Nilópolis, RJ - Pauta Rio” no 9:51 min

https://www.youtube.com/watch?v=Ge_lYuzP8uQ



3.1.1) Postagem no Google Classroom referente à primeira aula

Item postado em 4 de dez. de 2020Bom dia, pessoal! ↪

Na aula de ontem iniciei com vocês um assunto beeemmm diferente do que costumamos a ver em aula. Não foi uma aula de História factual (aquele História dos acontecimentos, dos fatos históricos...), pois discuti com vocês 3 conceitos que, geralmente usamos como sendo sinônimos, mas que na verdade não.

O meu objetivo é que uma vez que vocês compreendam a diferença entre essas 3 palavras (passado, memória e História) vocês possam ter uma leitura de mundo mais apurada, ou seja, que na vida de vocês, quando se depararem com pessoas, Youtube, jornais, governo e candidatos contando sobre o passado, vocês possam identificar o que é História e o que não é.

Em outras palavras, que vocês tenham autonomia pra pensarem sozinho sobre a produção de discurso das pessoas e entenderem porque aquele passado contado a vocês, é contado de uma determinada forma e não de outra.

Por que eu estou falando sobre essas 3 palavras com vocês? Porque na medida em que a matéria de História avança, mais próximos estamos de pessoas idosas que viveram esses períodos, e nós não. Ou de pessoas que que não são nem idosas, mas que ouviram diretamente dos seus pais coisas que já aconteceram. Será que quem viveu um período passado tem mais propriedade pra falar dele do que quem não viveu? É o que estamos analisando nessas aulas :)

Bom fds!

3.1.2) Algumas considerações sobre a aula

O nível de participação dos alunos e a quantidade de alunos que participaram de forma mais ativa eu considerei satisfatória. Eles respondiam os questionamentos que eu fazia ao longo da aula e a partir das suas respostas eu desdobrava outras perguntas, aproveitando assim as suas respostas. A aula foi bastante conceitual, o que criou um estranhamento deles em relação a essa aula.

O primeiro estranhamento foi em relação ao assunto ser novo para eles e o segundo ao nível conceitual da aula. Para tal, torna-se fundamental o uso de exemplos. Em aulas anteriores eu já havia discutido alguns conceitos com eles ao longo da explicação do assunto, como elementos de que lançam luz a ele, como o populismo e trabalhismo no período Vargas, república, coronelismo, clientelismo entre tantos outros “ismos” na república velha. Mas essa aula, a antepenúltima do ano, foi a primeira vez que uma aula se iniciou a partir de um conceito para partir para os acontecimentos, como veremos a seguir, na segunda e terceira aula.

Optar por essa mudança no fim do ano foi um desafio necessário para entender a natureza de um conjunto de justificativas em torno da defesa da ditadura militar.

3.2) Segunda aula

Exercício

Diga se os textos abaixo são História ou memória e justifique sua resposta.

Texto 1:

“O lado da praça Paulo de Frontin tem uma ocupação mais antiga. Foi onde se estabeleceu uma comunidade de imigrantes judeus que chegaram à localidade nos anos 1920, e deram impulso ao desenvolvimento comercial dessa parte da cidade. Até meados da década de 1970, momento da ascensão da Beija-Flor entre as grandes escolas de samba do carnaval carioca, o centro das manifestações públicas de Nilópolis era a referida praça, cercada por suas casas de comércio, padarias e bares. Nas imediações havia ainda um cinema, um salão de baile, e a catedral católica mais antiga, de Nossa Senhora da Conceição. Os campos de futebol não eram comuns (isso é) até uma questão geográfica, pois esse lado de Nilópolis tem relevo bastante irregular. O palco do carnaval de blocos da cidade era justamente a praça Paulo de Frontin.”

Os campos de futebol não eram comuns (isso é) até uma questão geográfica, pois esse lado de Nilópolis tem relevo bastante irregular. O palco do carnaval de blocos da cidade era justamente a praça Paulo de Frontin.”

BEZERRA, Luiz Anselmo. A família Beija-Flor. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.



Trecho 2:

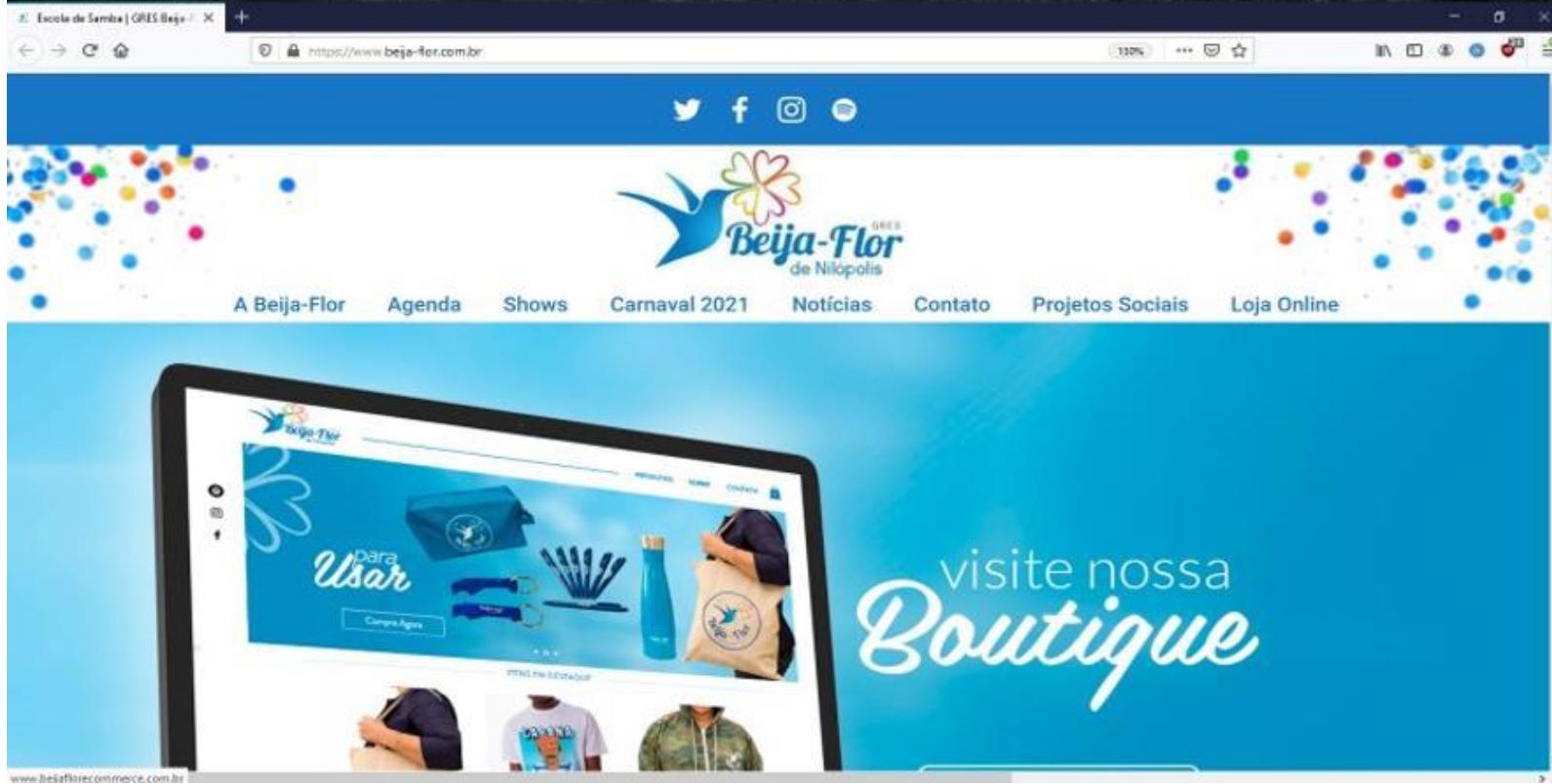
“- a princeza de Iguassú — que tanto nos orgulha, dada a admirável topografia semeada de prédios estylisados, commercio portentoso, industria desenvolvida, agricultura abundante, instituições de fins vários, cada qual mais elevada de princípios culturaes no aperfeiçoamento moral e material humanos, e o apreciável grão do adeantamento de espirito de sua vasta população — factores brotejantes do progresso que nella se expande num prodigo estupefaciente — teve o seu principio e, em consequencia, tem a sua historia, como todas as cousas terrestres (continua)

No distante tempo colonial, na area onde se assenta a cidade, fora intensissima a agricultura, com especialidade o cultivo da canna doce, pelo braço do escravo, e que proveitosos lucros dava á Fazenda São Matheus, como era denominada, sendo esse nome substituído pelo de «Engenheiro Neiva», em 8 de novembro de 1914, quando inaugurada a primeira estação ferrea.”

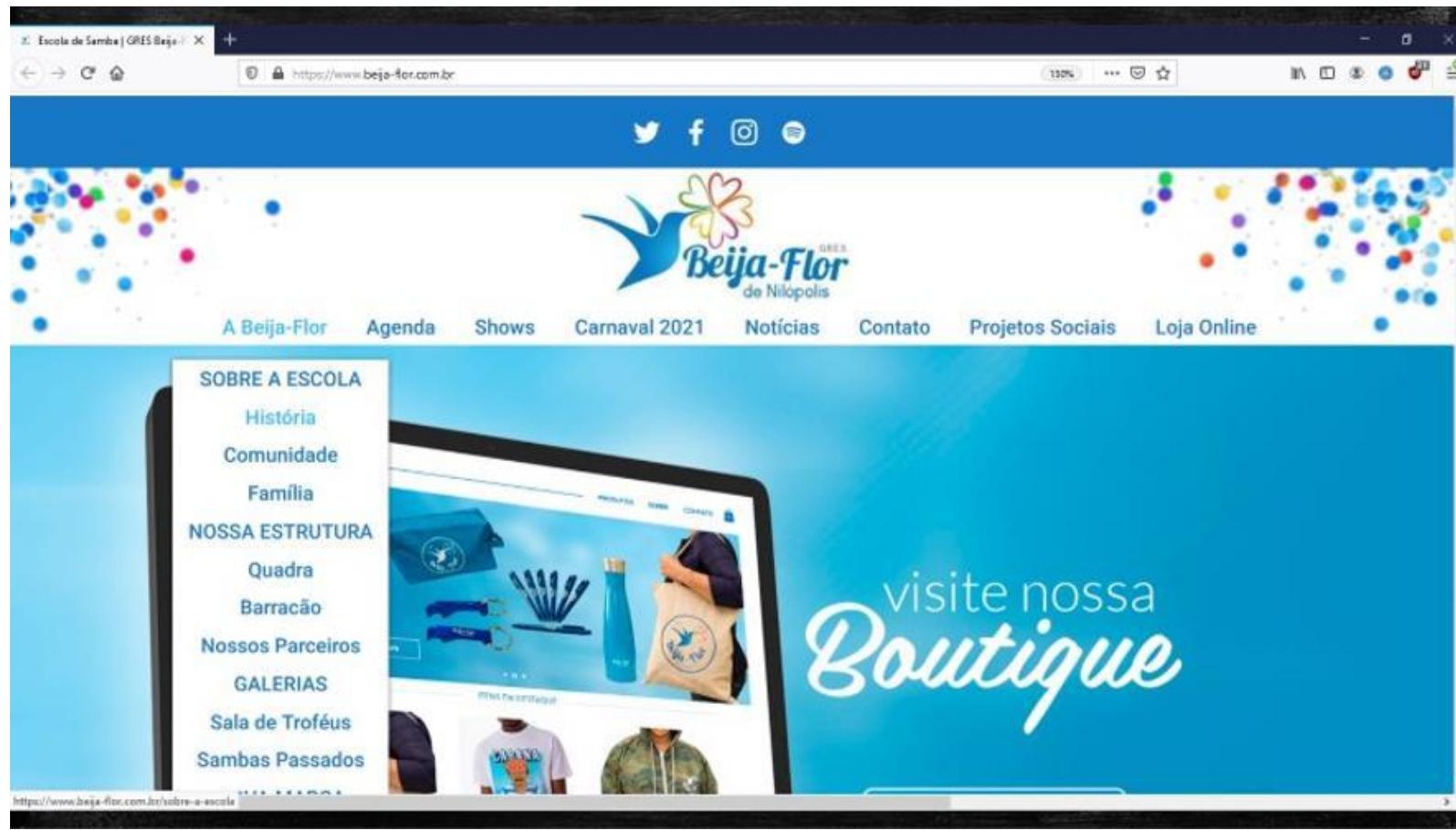
*CARDOSO, Ernesto Nilópolisde Honteme de Hoje Nilópolis L. & J. Berkowitz
1938.*



Trecho 3:



<https://www.beija-flor.com.br/>



<https://www.beija-flor.com.br/>

Sobre a Escola | GRES Beija-Flor

https://www.beija-flor.com.br/sobre-a-escola

A Beija-Flor Agenda Shows Carnaval 2021 Notícias Contato Projetos Sociais Loja Online

História

Um caminho percorrido com muita luta e garra!

A Beija-Flor de Nilópolis nasceu nas comemorações do Natal de

<https://www.beija-flor.com.br/sobre-a-escola>

Sobre a Escola | GRES Beija-Flor

https://www.beija-flor.com.br/sobre-a-escola

História

Um caminho percorrido com muita luta e garra!

A Beija-Flor de Nilópolis nasceu nas comemorações do Natal de 1948. Um grupo formado por Milton de Oliveira (Negão da Cuica), Edson Vieira Rodrigues (Edinho do Ferro Velho), Helles Ferreira da Silva, Mário Silva, Walter da Silva, Hamilton Floriano e José Fernandes da Silva, resolveu formar um bloco que, depois de várias discussões, por sugestão de D. Eulália de Oliveira, mãe de Milton, recebeu o nome de Beija-Flor (inspirado no Rancho Beija-Flor, que existia em Marquês de Valença). Dona Eulália foi admitida como fundadora.

Em 1953, o Bloco Associação Carnavalesca Beija-Flor, vitorioso no bairro, foi inscrito por Silvestre David do Santos (Cabana) Integrante da ala dos compositores, como escola de samba, na Confederação das Escolas de Samba, para o desfile oficial de 1954, no 2º grupo.

No seu primeiro desfile, em 1954, foi campeã passando para o Grupo I, no qual permaneceu até 1963. Depois de um período de altos e baixos, em 1974, retornou para o Grupo I, resultado do bom trabalho desenvolvido por Nelson Abraão David. Em 1977, Aniz Abraão David assume a Presidência e projeta a Escola de Samba de Nilópolis como uma das mais famosas do mundo.



<https://www.beija-flor.com.br/sobre-a-escola>

Disponível em: <https://www.beija-flor.com.br/sobre-a-escola>. Acesso em: 10 nov. 2020.



Trecho 4:

"O ano de 1976 é um marco na história do carnaval carioca. O desfile voltou a ser realizado na Praça Onze, depois de passar pelas avenidas Presidente Vargas, Rio Branco e Presidente Antonio Carlos, e a vencedora foi a até então obscura escola de samba Beija-Flor, oriunda de Nilópolis. Além da surpresa trazida pela vitória de uma escola que não era considerada "das grandes", o êxito da Beija-Flor também realçava a presença cada vez maior dos "banqueiros" do jogo do bicho. O enredo vencedor intitulava-se "Sonhar com Rei dá Leão", (continua)

uma clara alusão ao jogo oficialmente proibido. E a bela e empolgante imponência visual criada pelo talentoso carnavalesco da escola vencedora, Joãozinho Trinta, era claramente indissociável da generosa colaboração financeira do jogo do bicho. Esta presença se faria mais forte nos anos seguintes.”

RIBEIRO, Paula. Cultura, memória e vida urbana judeus na Praça Onze, no Rio de Janeiro (1920-1980). 2008. Tese (História Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.



Trecho 5

"Foram muitos carnavais no “sobe e desce” característico das pequenas escolas, transitando entre os três grupos definidos pela antiga divisão dos desfiles carnavalescos, até o retorno definitivo ao “grupo de elite” do carnaval carioca, o Grupo 1, com a apresentação dos chamados enredos de exaltação da ditadura nos carnavais de 1973, 74 e 75, estando a escola nesse momento sob a presidência de Nelson Abraão David. No entanto, foram as conquistas de 1976, 77 e 78 que se constituíram através da memória no marco de uma nova fase associada à atuação dos irmãos Nelson e Aniz Abraão David, o Anísio. Com a permanência da escola junto às “grandes” do carnaval carioca ficando assegurada pelo primeiro tricampeonato, passou-se a conferir aos Abraão David o status de verdadeiros “donos” da Beija-Flor. [...] (continua)

Quando Nélson Abrão David assume a direção da Beija-Flor através de um processo eleitoral interno realizado em 1972, a preparação para o carnaval do ano seguinte passa a ser orientada pela definição de um tema de enredo vinculado à propaganda oficial das realizações do governo militar [...]

Em artigo que analisa a associação da Beija-Flor com a ditadura militar surgida através da série de três enredos considerados ufanistas ou de exaltação do regime, Adriano de Freixo e Edmundo Tavares entendem o processo como um desdobramento lógico da presença na diretoria da escola dos agentes da contravenção originários do ramo dos Abraão que compunham o poder familiar em Nilópolis junto com o ramo dos Sessim. (continua)

Nos anos do “milagre” houve um investimento maciço por parte da ditadura em propaganda de tom ufanista, e nesse sentido a transformação de associações como escolas de samba em canais de divulgação para o projeto político-ideológico do regime cumpria um papel importante na estratégia de ampliação de sua influência junto aos setores populares. Como explicam Mendonça e Fontes, entre 1968 e 1974 os múltiplos instrumentos de legitimação do regime militar estiveram calcados no binômio “segurança nacional – desenvolvimento” e, portanto, houve uma tendência para o condicionamento da legitimidade do governo ao seu grau de eficiência econômica e financeira.”

BEZERRA, Luiz Anselmo. A família Beija-Flor. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

3.2.1) Postagem no Google Classroom referente à segunda aula

Item postado em 11 de dez. de 2020Olá, pessoal!

Na penúltima aula, falamos sobre um conceito relacionado à memória chamado "lugar de memória", que apesar de ter esse nome, eles não são necessariamente espaços físicos. Essa expressão nós usamos para nomear referenciais que se fazem a uma pessoa, a um lugar, a um fato passado... de modo a construir uma memória sobre essa pessoa, esse lugar, esse fato... Feriados, museus, estátuas e tantas outras coisas são lugares de memória. Na aula de ontem falei com vocês sobre o busto do Paulo de Frontin, situado na Praça do Chafariz. Essa estátua é uma memória criada pela prefeitura em 1914 (ano de sua inauguração) pra celebrar um personagem ilustre pro governo da época e pro governo de hoje (já que o atual não mandou retirar a estátua) pois ele esteve a frente das negociações pra construção da estação ferroviária.

Vejam, essa é uma memória oficial, criada pelo governo pra celebrar um político notório da época. É certo que só ele tenha direito a ter uma estátua? A existência dessas memórias que dão destaque às pessoas pelo seu cargo, prestígio, influência não deve ser aceita passivamente por nós. Ser crítico, passa também por refletir sobre esses discursos oficiais. Os homens que trabalharam na obra da estação têm a mesma importância que o Paulo de Frontin, embora não tenham ganho estátua que nem ele. Indo na contramão dessa memória oficial criada pelo governo que confere prestígio a alguém pela sua posição social, uma igreja católica lá na cidade de Cuiabá, estado do Mato Grosso, resolve adotar um outro critério pra homenagear as pessoas. Que nada tem a ver com sua posição social.

Vou deixar 2 links de uma reportagem MUITO PEQUENA da Globo e de um vídeo de menos de 3 min sobre a pandemia. Ele tem tudo a ver com isso que discutimos em aula:

O da reportagem

<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/12/03/memorial-das-vitimas-da-covid-19-sera-inaugurado-neste-sabado-em-cuiaba.ghtml>

E o do vídeo relacionado a ela <https://globoplay.globo.com/v/9094262/>

O que vocês pensam sobre iniciativas como essa? Deixem aí nos comentários

Bom fds!

3.2.2) Algumas considerações sobre a aula

Essa aula, ocorreu toda a partir de algumas reflexões feitas a partir da transcrição de trechos de memória e de história sobre o mesmo assunto para que os alunos percebessem a diferença entre ambos. Eu usei no título da aula a palavra “exercício”, porque é uma palavra mais próxima a eles, mas ela não foi uma atividade por escrito, que eles deveriam me entregar na aula seguinte ou que valesse ponto. Foi uma atividade feita durante a aula, oralmente.

Os alunos que participaram da aula responderam corretamente sobre a natureza dos cinco trechos dos exercícios. Para além de eu perguntar se os trechos eram de História ou memória, eu fiz aos poucos outras perguntas a eles, de acordo com a leitura que eles faziam dos trechos, de forma a explorar bem a riqueza de detalhes que eles ofereciam.

Um ponto de estranhamento nessa aula foi quantidade de leituras que eles fizeram e que não estão acostumados. Utilizar trechos com alguns parágrafos foi uma escolha melhor do que poucos textos mais longos.

3.3) Terceira aula

Texto 4:

"Meu Bar Bar Mitzvá¹ em Nilópolis (Depoimento)

Nasci na rua Mário Monteiro. Foi em Nilópolis que dei meus primeiros passos. Foi ali que balbuciei as primeiras palavras. Jamais poderia esquecer a terra onde nasci. O sol forte que em acordava todas as manhãs. A rua onde as carroças ainda eram realidade. Já um garotão, corria trás da carroça do "Seu Nicolau", pedindo carona. Minha casa tinham um quintal cheio de arvores, principalmente mangueiras. Quando eu queria me esconder por ter praticado alguma traquinagem, subia numa das árvores e aí ficava quietinho. Nunca vou esquecer o doce sabor da manga espada que me deliciou com seu sabor. Nilópolis é meu berço natal e tenho saudades dos anos que vivi ali. (continua)

¹*Bar Mitzvá é a cerimônia que insere o jovem judeu como um membro maduro na comunidade judaica.*

Porquê meus pais foram morar em Nilópolis? Meu pai contava que era de uma cidade grande da Polônia e que muito jovem resolveu abandonar sua terra natal para tentar uma vida melhor “nas Américas”. Para comprar passagem de navio, de terceira classe, a família toda ajudou. Cada um dava quantos “zlotys” podia, com esperança de retorno, multiplicado em dólares (“zlotys” - moeda polonesa).

No navio, outros jovens judeus de outras cidades polonesas já tinham lugar definido para morar por causa dos parentes que mandavam cartas. Iam para o Brasil para se radicar em Nilópolis. Lá, diziam muitos, tudo é iídiche. Quem mora em Nilópolis não sente saudades do Shtetl² na polônia.

Meu pai foi morar em Nilópolis e nunca se arrependeu. De início era, como a maioria, vendedor ambulante. Mandou vir sua namorada da Polônia, casou-se e constitui família. (continua)

²Shtetl significa “cidadezinha”. Chamavam-se “shtetl” as povoações ou bairros de cidades com uma população predominantemente judaica.

Meu pai era um homem muito ativo. Além da loja da qual cuidava, era ativista social tanto no meio da coletividade judaica como na sociedade não judaica. Foi membro do Centro Israelita, da Maçonaria, do Rótary Club e de Clubes esportivos locais.

Minha casa era um lar judaico onde recebi uma educação de acordo com as convicções religiosas dos meus pais. Frequentei o Colégio Israelita S. Anski, de Nilópolis e alguns colégios locais. Quando completei 12 (doze) anos, comecei a me preparar para o Bar Mitzvá.

Ganhei dos meus pais um terno azul marinho, camisa nova, sapato preto de pelica, cueca branca e uma linda gravata. Pela primeira vez na minha vida ia vestir esse traje especial.

Também me presentearam com um TALIT (chale de orações) FILACTÉRIOS (caixinhas que têm orações embutidas e que são colocadas no braço direito e na testa) e um SIDUR novo, (Livro de rezas diárias).

Chegou o dia tão esperado por mim. Eu ia completar 13 anos. Ia entrar no mundo dos adultos. Ia poder fazer parte do “minian”³. (continua)

³Minian é o grupo de 10 judeus acima da idade de bar mitzvá. Esse número é necessários para certas obrigações religiosas

Shabat (sábado), 1948. A Sinagoga do Centro Israelita “TIFERET ISRAEL” estava cheia de convidados que vieram para a minha festa. Quando me chamaram para subir no altar e ler a Torá, comecei a tremer da cabeça aos pés. Lembro que após terminar as rezas, recebi muitos “parabéns” e um apequena TORÁ, de presente, do “KEREN KAIEMET” (Fundo Ecológico Israelense) depois veio a festa que minha mãe preparou.

Antes da festa pronunciei um discurso em iídiche, preparado pelo professor de Bar Mitzvá com alguns acréscimos de meu pai. O discurso estava repleto de elogios para meus pais, para o povo judeu e para o recém nascido Estado de Israel. Foi também muito elogiada a terra onde nasci, Nilópolis, sua estrutura social e a liberdade política. Recebi muitos aplausos, beijos e abraços. A festa durou o dia inteiro.

O dia do Bar Mitzvá separou-me da vida de criança e colocou-me no mundo dos adultos. Mundo novo, novos deveres e obrigações. E Nilópolis? Está dentro de mim. No meu sangue judeu, no meu comportamento, na minha existência.”

LONDON, Esther. *Vivência judaica em Nilópolis*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999.



Trecho 7:

Até o 120. vale a pena?
(Depoimento)

Dora e Wolf Hofstetter

Temos entre nós, judeus, o hábito de brindar momentos de alegria com a expressão “biz hindet und tvontzik” que se traduz como “até os 120 anos” ou seja, pedimos a Deus que aquele momento de alegria perdure e possamos usufruí-lo até os 120 anos.

Muitas vezes tenho refletido sobre este voto, quase automático em nossas festas.

De um lado, penso na sua importância há alguns séculos, quando a idade média não era maior do que 45/50 anos. Naqueles tempos, desejar os 120 anos era uma expressão bíblica, quase como se desejássemos a eternidade. Hoje, com todos os chips, DNAs, Viagras e com as superas que a Medicina e a Genética nos trazem a cada dia, estamos perto do dia em que desejar os 120 talvez seja uma banalidade, uma obviedade, quase uma inutilidade. (continua)

Por outro lado, penso muito no que significa viver sem objetivos, sem fazer da vida um projeto em si, carregando apenas o fardo dos anos, o corpo cansado, a degeneração dos sentidos e do corpo. Pernas que se vão, ouvidos que não ouvem, olhos cegos e mãos trêmulas muitas vezes transformam o “até 120” num voto a ser estendido mais aos inimigos do que aos que bem queremos.

Misteriosamente no entanto, todos queremos viver, e muito, e para sempre. Esta força que nos impulsiona a cada dia tem origem no ponto mais profundo de nossas almas, no “ruach”, no sopro divino que habita nossos corações. Para viver, basta um sopro, uma doce e simples brisa, um “ruach” acima do pobre e miserável corpo, sujeito ao tempo e aos desígnios do destino.

Encontro em Nilópolis o último casal de judeus a habitar a cidade. Lá estão eles, Dora e Wolf Hofstetter, casado há mais de 60 anos, sem parentes próximos, solitários representantes de um passado que, para eles, não passa.

LONDON, Esther. Vivência judaica em Nilópolis. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999.



Trecho 8:

"SESSENTA e dois anos de idade. Estatura mediana, fiazinho, cabeça exelentemente chata, de palestra franca e segura sem titubear nunca. É como encontramos pelas ruas de Nilópolis, Delmiro Juvêncio de Oliveira, cearense do Crato, que na juventude, involuntariamente, forçadamente foi cangaceiro de LAMPIÃO o famoso bandoleiro¹ que por mais de vinte anos pois em pânico a população sertaneja do Nordeste.

— Então, seu Delmiro, o sr. Foi mesmo "cabra" de lampião, perguntamo-lhe?

— Sim, seu doutor, andei mesmo no bando de Lampião, peguei no rifle "papo amarelo"², cartucheira³, punhal de meio metro participei de muitos combates. Mas isto, doutor Raimundo, sem querer, pois nunca pensei nem procurei entrar, de gôsto, no cangaço. Fui pegado a força e para não morrer me vi obrigado a acompanhar o capitão Virgulino. (continua)

¹ Indivíduo que pratica assaltos, roubos; bandido.

² Apelido dado ao modelo de 1873 da carabina Winchester calibre .44

³ É uma bolsa presa como um cinto ou em forma de "X" no tronco, que serve para levar cartuchos ou balas para recarregar uma arma de fogo.

E Delmiro, entre entusiasmado e cauteloso, contou-nos a sua Odisseia⁴ de como entrou para o bando de Lampião. Tinha então os seus vinte e cinco anos em flor, Moço, forte, destemido, vivia como vive todo sertanejo honrado, trabalhando na agricultura. Numa tarde do ano de 1926, encontrava-se no amanheço⁵ da manhã, trabalhando num roçado em plagas da Paraíba quando foi inopinadamente⁶, cercado e preso pelo grupo de Lampião, tendo este, sob ameaça, incorporando-o no seu bando, dando-lhe, logo, rifle, cartucheira, punhal e chapéu de couro. Antes, interrogando-o ameaçadoramente:

- Cabra, você é do Ceará ou da Paraíba?*
- Sou do Ceará, seu capitão, respondeu-lhe Delmiro.*
- Tá com muita sorte, cabra, pois se fosse da Paraíba seria agora mesmo sangrado a punhal. Mas como é logo da terra do meu padrinho, vai ficar comigo, aumentar meu pessoal. (continua)*

⁴ Aventura.

⁵ Preparo, cultivo da terra.

⁶ Subitamente.

Disse-nos Delmiro que participou de mais de dez combates com Lampião contra os “macacos do governo”⁷, não sabendo, ao certo, se nesses combates tenha “mandado alguém para outro mundo”. Esteve no grupo de Lampião cerca de três meses apenas, até que um dia Virgulino Ferreira perguntou-lhe se queria continuar no cangaço ou ir embora. Respondendo pela segunda alternativa, pois tinha família para sustentar, Lampião aquiesceu⁸ sua vontade e ao se despedir de Delmiro, deu-lhe uma cédula de cincoenta mil réis, muito dinheiro naqueles bons tempos dos vintens...

Hoje, Delmiro Juvêncio de Oliveira é um modesto cidadão, trabalhador braçal em Nilópolis. Reside à rua Dr. Godoy, 3.081, bairro da Chatuba, sendo exemplar chefe de família, pai de moças e rapazes, uns casados e que trabalham na Guanabara.”⁹

⁷ Apelido dado pelos cangaceiros aos soldados que entravam em combate com eles.

⁸ Consentiu, pôs-se de acordo.

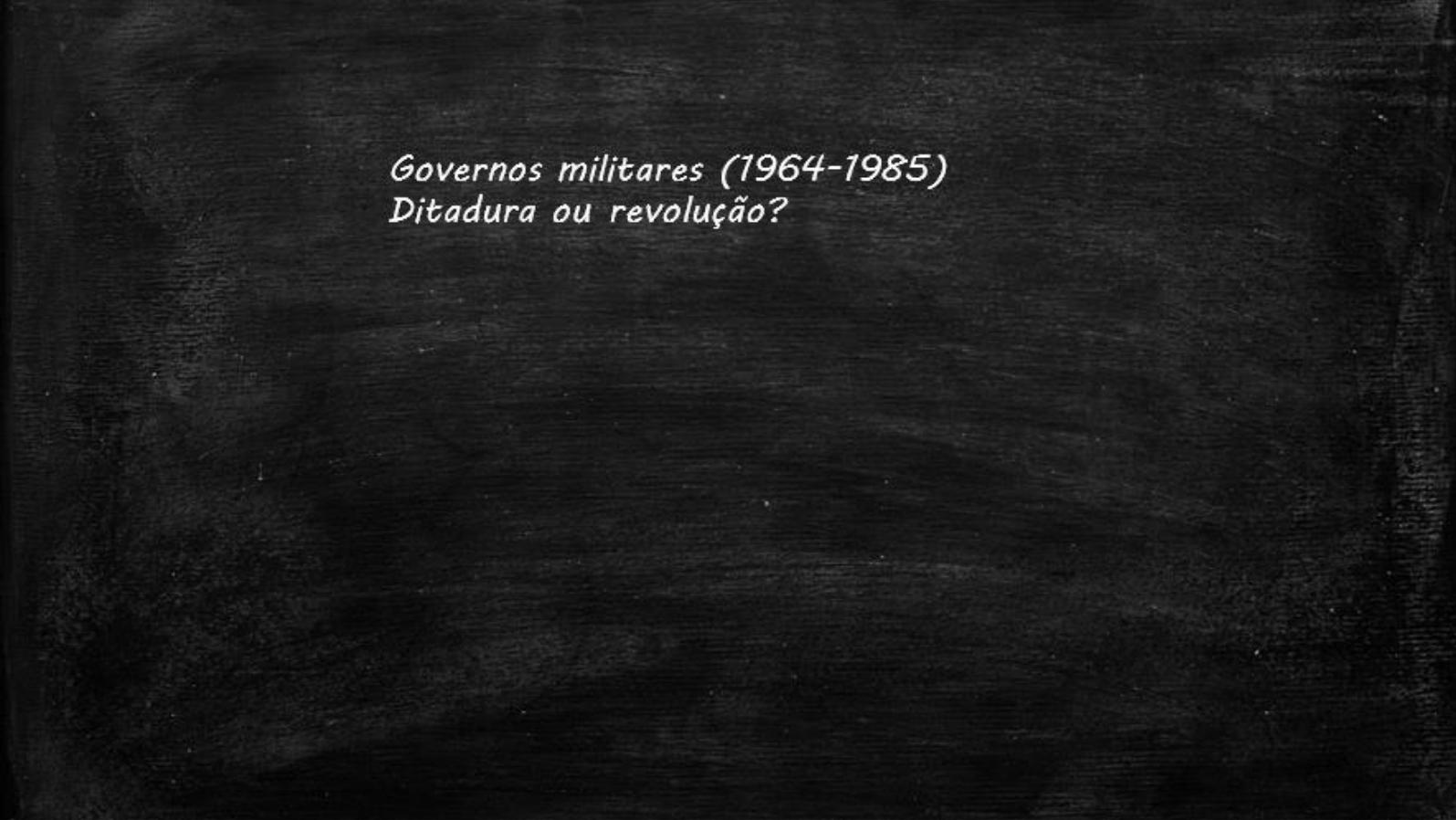
⁹ Guanabara foi um estado do Brasil, que existiu de 1960 a 1975 no território correspondente à atual cidade do Rio de Janeiro.



Delmiro Juvêncio de Oliveira, falando ao autor. Foto de 1957, publicado no "A Voz dos Municípios Fluminenses"

*CARDOSO, Ernesto. Nilópolis de Ontem e de Hoje. Nilópolis: L. & J. Berkowitz,
1938.*





Governos militares (1964-1985)
Ditadura ou revolução?



M. Helena Cunha

Araguari (MG)



Eu, com 73 anos, estou fazendo campanha para o Bolsonaro, e uma mocinha feminista ficou brava e me perguntou se eu não estudei história.

Eu lhe respondi: minha filha, eu vivi a história. Não foi o seu professor maconheiro que me contou.



<https://twitter.com/tesoureiros/status/1307742706874097664/photo/1>

[...] Eu fui presa na sala de aula. Eu estava fazendo uma prova de...não me lembro do nome da matéria, mas o professor chamado Espina. Eu estava fazendo, estava lá no meio da turma, de repente eu vi dois homens na sala, chamaram o professor e tal...terminei a prova e fiquei enrolando, enrolando...um colega saiu, chamado Milton. Milton saiu e me mostrou também para os homens, para os dois homens. "Estou presa!". Chega uma hora não tinha mais ninguém, eu tinha que sair. Conversei com o professor "Professor, eu vou ser presa, por favor, conte para alguém". "Mas eu nem sei se você é minha aluna! Eu nem sei se você é minha aluna". Aí, os homens lá, eu saí...algemada na hora. [...]

COSTA, Robêni Baptista da. Tomada de testemunho (transcrição). Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/todos-volume-1/653-v%C3%ADtimas-civis.html#dois_mil_e_quatorze Publicado em 4 jun. 2014. Acesso em: 10 nov. 2020.

3.3.1) Algumas considerações sobre a aula

Nessa aula, a última do produto e a última do ano, eu continuei analisando trechos com eles e os pedindo que lessem em voz alta para a turma. Ao final, mostrei a eles uma imagem de uma mulher supostamente chamada Maria Helena Cunha que supostamente faz a defesa da ditadura militar. Independente dessa mulher ou do seu relato existirem, eu utilizei essa imagem pois é uma fala que sintetiza muito a defesa que as pessoas fazem da ditadura militar e que ficou bastante conhecida na internet, embora os alunos não a conhecessem, eles reconheceram os argumentos usados por Maria Helena.

Nessa aula sobre ditadura, aqueles alunos que já possuíam a defesa da ditadura militar como elemento da cultura familiar provavelmente não mudaram de opinião por causa da aula. No entanto, os que não tinham essa cultura familiar refinaram sua argumentação a fim de defender seu posicionamento. Ou mesmo os alunos que não tinham posicionamento bem definido sobre o assunto, pois os pais não comentam sobre isso com eles, se mostraram envolvidos com a discussão, o que sem dúvida demonstra um avanço na formação cidadã desses alunos.